

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E CIENCIAS SOCIAIS
CURSO DE FILOSOFIA

FABIANA RAMOS DOS SANTOS

A RELIGIÃO SOB O PONTO DE VISTA FILOSÓFICO DE DAVID HUME

CAMPINA GRANDE
2014

FABIANA RAMOS DOS SANTOS

A RELIGIÃO SOB O PONTO DE VISTA FILOSÓFICO DE DAVID HUME

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura plena em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Antônio Carlos de Melo Magalhães.

CAMPINA GRANDE
2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S237r Santos, Fabiana Ramos dos
A religião sob o ponto de vista filosófico de David Hume
[manuscrito] / Fabiana Ramos Santos . - 2014.
23 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2014.
"Orientação: Antonio Carlos de Melo Magalhães,
Departamento de Filosofia".

1. Religião 2. Politeísmo 3. Monoteísmo 4. Natureza
Humana 5. Filosofia I. Título.

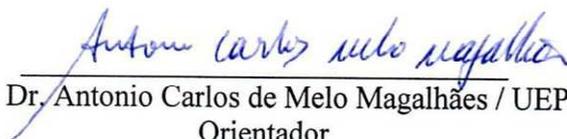
21. ed. CDD 200

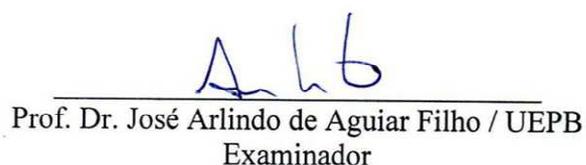
FABIANA RAMOS DOS SANTOS

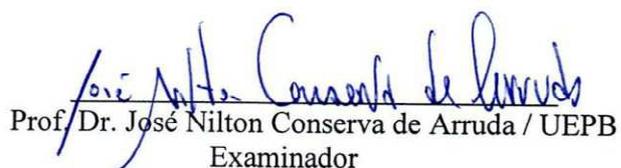
A religião sob o ponto de vista filosófico de David Hume

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciada em Filosofia.

Aprovado em 03/12/2014.


Prof. Dr. Antonio Carlos de Melo Magalhães / UEPB
Orientador


Prof. Dr. José Arlindo de Aguiar Filho / UEPB
Examinador


Prof. Dr. José Nilton Conserva de Arruda / UEPB
Examinador

A minha família pelo apoio e dedicação e
torcida para que tudo desse certo. DEDICO.

AGRADECIMENTOS

A Deus autor da vida, por ter me capacitado e dado saúde e força para superar as dificuldades.

Ao meu orientador professor Dr. Antônio Carlos Magalhães pelo suporte no pouco tempo que lhe coube, pelas correções e incentivos.

Aos meus pais, irmãs e irmãos pelo amor, incentivo e apoio incondicional.

As minhas queridas amigas Barbara Azevedo, Solange Almeida e Valkíria Oliveira por toda ajuda concedida e pela paciência para comigo.

E a todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigado.

“Um pouco de filosofia afasta-nos da religião.
Muita Filosofia faz-nos voltar a ela”.

Antoine de Rivarol.

RELIGIÃO SOB O PONTO DE VISTA FILOSOFICO DE DAVID HUME

Fabiana Ramos dos santos*

RESUMO

Analizamos neste trabalho alguns aspectos da religião, suas origens e desenvolvimento na história do ser humano. David Hume vê a religião como uma manifestação natural do homem, disserta também sobre a origem do politeísmo e monoteísmo suas influências na historia e organizações sociais que estão ligadas de forma direta com certas crenças. A abordagem feita não se trata de um estudo sobre a divindade, mas de que maneira o homem se comporta perante a crença. Desta maneira, Hume passa a criticar a religião, demonstrando que suas origens estão localizadas mais em nossa natureza humana que em um suposto ente sobrenatural divino.

Palavras-chave: Religião. Politeísmo. Monoteísmo. Natureza humana.

INTRODUÇÃO

David Hume (1711-1776) destacou-se como um dos principais expoentes da história da filosofia, sendo o último grande nome do empirismo clássico britânico. O filósofo viveu numa época em que a religião influenciava e determinava profundamente o pensamento e a conduta das pessoas. Assim como qualquer autor Hume interage com seu contexto histórico e cultural e estabelece sua filosofia de forma relativa com as ideias dos filósofos antes dele. Sua filosofia esta baseada segundo o contexto do seu país e da Inglaterra do séc. XVIII época conhecida para a teologia natural como áurea.

*Acadêmica do Curso de Licenciatura Plena em Filosofia pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

Como era comum à sua época, a infância e início da adolescência de Hume foram caracterizados por um compromisso com a religião e com as virtudes cristãs. A mudança na forma de ver a religião veio ainda cedo, provavelmente aos dezesseis anos, quando tendo deixado a Universidade e engajou-se em seus estudos independentes. Se esperado que Hume seguisse a tradição dos parentes e fosse advogado, mas ele acabou tendendo para a literatura e, em especial, para a filosofia. Aos poucos, os questionamentos críticos foram-se estabelecendo definitivamente, no lugar das crenças religiosas e finalmente a mudança de postura contrária às crenças religiosas de sua época.

A religião predominante na Escócia até os anos mil e quinhentos era o catolicismo. Mas, quando Hume nasceu, era o Protestantismo calvinista a religião oficial do seu país onde foi educado. Hume opõe-se contra os argumentos filosóficos e teológicos que sustentava a religião e a moralidade religiosa de sua nação. É dentro de tal contexto que a filosofia crítica e cética de Hume procura opor-se a tais argumentos. *“No contexto intelectual da Europa do século XVIII as linhas demarcatórias entre filosofia e teologia ainda não eram muito claras e ambas compartilhavam de terreno comum com reflexões sobre moral, política, ciência e filosofia da ciência”* (OLIVEIRA, 2013).

O filósofo foi estratégico, ele escrevia de maneira diferente de seu costume quando se tratava de religião, com o propósito de que seu ceticismo em matéria religiosa fosse posto e passado despercebido pela censura, pois o poder britânico quando se tratava de ofensas às crenças estabelecidas não era muito liberal, e diante disso o que restou pra Hume assim como muitos foi desfaçar seu discurso crítico em “uma nuvem de obscuridade” que escondesse seu verdadeiro objetivo aos olhos do censor. *“A posição do ceticismo religioso de Hume não poderia ser confundida com ateísmo porém a censura e a ideologia da época não fazia muita distinção entre essas duas atitudes”* (Monteiro, 1979).

O empirismo Humeniano defende a ideia que a filosofia poderia ser baseada na observação do cotidiano do homem, sendo útil a ele afastando-o ao máximo das incertezas que de certa forma só faria aumentar a superstição. A maior aliada do fanatismo e da superstição para Hume seria a religião, porém esta interfere de forma direta na vida do indivíduo ditando regras e condutas a serem cumpridas.

A Religião, enquanto forma de comportamento cujas regras se afastam das que regulam a vida diária, assenta numa dicotomia

introduzida no mundo das referências humanas, que se traduz num duplo nível de- o sagrado e o profano. Diferentemente de qualquer outro gênero da atividade humana, a Religião tem a sua gênese na convicção de que existe uma realidade (poder ou mistério) que está acima da realidade do nosso contato diário, com a qual o homem pretende comunicar e da qual deseja participar (JORDÃO, 1993).

A crítica à religião de Hume vai de encontro a isto demonstrando que as suas origens advém de nossa natureza humana muito mais do que em um suposto ente sobrenatural divino. Além de que a existência dessa divindade não poderia ser comprovada através do conhecimento humano, pois não temos experiência do mesmo.

Na obra de David Hume a religião tradicional é atacada violentamente por argumentos racionais. A religião e toda base da teologia é submetida a um apurado exame que tenta desapegar-se de preconceitos e dogmas estabelecidos para atingir o resultado mais racional e verídico possível. É justamente nessa obra que o filósofo faz sua investigação acerca da origem do sentimento religioso no homem. Onde afirma que a religião não se encontra originada no sobrenatural, mas em nossa própria natureza humana.

A religião não pode outo se afirmar legitimidade que lhe dê o direito de ditar a nossa forma de agir moralmente. É através de nossa afinidade com o semelhante que chegamos numa moral laica pelo fato de está baseada em nossa natureza humana e não em dogmas que são divergentes para cada religião. O objetivo deste artigo é mostrar através da obra *A historia natural da religião* de David Hume, os efeitos causados pelos diferentes tipos de religião, além de fazer um panorama sobre a origem e causa da religião e como que ela interfere na forma de agir do homem e das variações circulares entre o politeísmo e monoteísmo.

1. Historia natural da religião.

A obra *Historia natural da religião* foi publicada a primeira vez no ano de 1756 a princípio intitulada com *Cinco dissertações*, em janeiro de 1757 voltou a ser publicada com um novo título *Quatro dissertações*. Com a forte perseguição da igreja com quem fosse de encontro a religião predominante e sabendo que corria o

risco de ser condenado por ela, o filósofo teve que alterar algumas passagens mais perigosas, assim ele retirou os dois últimos ensaios e acrescentou um menos controverso.

Com essa obra Hume tentará desenvolver um estudo sobre as causas que originaram o sentido da religião. O que podemos perceber em termos de estratégia de Hume para driblar o sensor e de ser acusado de blasfêmia ele cita em sua obra que a existência de Deus pode ser provada racionalmente e também que o cristianismo é a verdadeira religião.

Hume começa sua obra afirmando que inevitavelmente a primeira religião da história do homem foi politeísta, quanto mais investigamos a história, mais certeza temos quanto a isto que a primeira manifestação religiosa da humanidade foi politeísta, ou seja, a adoração a vários deuses. A religião nasce de forma politeísta, o monoteísmo é uma religião secundária, uma conquista em torno da individualidade, da moral, e etc. Então, a primeira manifestação de religião do ser humano é politeísta porque diversas são as culturas, os indivíduos e diversas são as experiências, pois só tende-se a unificar aquilo que já é uma aptidão.

A questão é se esses deuses teriam os mesmos atributos que os deuses modernos tais como a onisciência ou a onipresença, para Hume não resta dúvida que o homem primitivo apenas poderia conceber deuses que lhe fossem de alguma maneira familiar e que participassem de alguma forma diretamente de seu cotidiano. Dessa forma, o homem atribui a eles desejos e aparência igual a si mesmo e também os responsabiliza individualmente pelos elementos da natureza.

1.2 A tese central de Hume: O politeísmo foi à primeira religião dos homens.

A proposta de Hume é construir um sistema de racionalidade aleatório que não leve em conta o que as pessoas sentem, pensam e vive. Para ele, religião não existe em alguns lugares e a reflexão que o mesmo faz será sobre as culturas e civilizações que tem religião. Sua preocupação é entender a religião primária, à primeira manifestação religiosa que acontece às vezes sem sistematização, sem estrutura, sem racionalidade doutrinária.

Daí então, surge sua tese de que o politeísmo foi a primeira religião dos homens, esta por sua vez de certa forma enfrenta o sentido da história. A tese que tinha predominava na sua época era que a primeira religião foi monoteísta e houve uma corrupção do ser humano fazendo com que a religião monoteísta assumisse forte politeísta, como expressão dada. David Hume apresenta uma tese contra e muito simples; como é que as diversidades das culturas, das civilizações, dos relatos das viagens e a diversidade dos indivíduos permitiria que houvesse uma primeira religião única pra todos?

O objetivo de David Hume com a História natural da religião era desenvolver um estudo das causas que originam o sentimento religioso, e por consequência, enumerar alguns efeitos que este ocasionaria na sociedade.

Os homens sempre estiveram muito preocupados com a origem do mundo e de si mesmos e essa preocupação somada a aspectos místicos, desenvolvidos pelo próprio ser humano, levou a humanidade a crer em uma religião e buscar nela a resolução para todos os seus problemas, até mesmo os mais particulares.

Quando Hume discute a origem da religião, não é de seu interesse afirmar a criação do mundo, nem mesmo alguma divindade como fonte de tudo. O filósofo considera o sentimento humano e não a racionalidade como garantia para a crença em deuses.

A crença em um poder invisível e inteligente tem sido amplamente difundida entre a raça humana, em todos os lugares e em todas as épocas, mas talvez não tenha sido tão universal ao ponto de não admitir exceção nenhuma; nem tenha sido em alguma medida, uniforme nas ideias que fez nascer (HUME, 2005, p. 21).

Se, de fato, fosse tão própria do ser humano a relação com a religiosidade e se a divindade com a qual o homem se relaciona fosse única, como explicar a diversidade de manifestações religiosas sempre presente no decorrer do tempo ée como explicar a diferença tão intensa que existe entre as religiões politeístas, ou como afirma Hume, a idolatria, e as religiões monoteístas, como o cristianismo? Assim, Hume em uma perspectiva histórica, demonstra que a primeira religião dos homens foi o politeísmo.

1.3 Os estágios da religião

Hume pressupõe uma concepção evolucionista, ou seja, a história passou por estágios: Politeísmo, henoteísmo e monoteísmo. Por politeísmo entende-se uma relação entre deuses diferentes, adorados segundo uma identidade inerente a cada um. O politeísmo acentua a predominância de um superior entre eles. O henoteísmo, por seu lado, é a adoração de um só Deus, mas sem prescindir da existência de outros. Presta-se uma adoração exclusiva a Deus, de modo oficial, sem eliminar a existência de outras divindades. O monoteísmo é a adoração de um e único Deus, excluindo toda e qualquer possibilidade de existência de outra divindade, por se tratar da única divindade existente.

Nessa dimensão quase caótica, diluída aparece o henoteísmo onde já temos uma calcificação dos misticos culturais; e em outro momento o monoteísmo que é um desenvolvimento especial da historia humana. O Henoteísmo está ainda nessa religião primaria, prega que de fato existem vários deuses, cada tribo tem um deus e quando essas tribos entram em guerra, os deuses também entram em guerra, dessa forma o nosso fracasso é o fracasso do nosso deus; quando nos choramos nosso deus chora, quando envergonhamos o nosso deus é envergonhado. O henoteísmo não é somente politeísmo, porque o politeísmo trabalha com certa diminuição, ele já calcifica as crenças em determinados ângulos, melhor dizendo cada tribo com seu deus, cada cultura com sua individualidade. Como resultado, cada povo começou a acreditar em um deus que lhe favoreça. A origem da religião, segundo o autor, está nos rituais de homens que esperavam favorecimento: rezas, sacrifícios e outras práticas vistas como os meios tidos como propiciadores de dádivas ou concessões. A religião é, na verdade, uma troca com os deuses.

Cada nação tem sua divindade protetora. Cada elemento é submetido a seu poder ou ação invisível. A alçada de cada deus é separada da alçada dos demais. E as operações do mesmo deus não são sempre certas e invariáveis. Hoje ele nos protege amanhã nos abandona. Rezas e sacrifícios, ritos e cerimônias, bem ou mal realizados, são as fontes de seu favor ou inimizade, e produzem toda a boa ou má fortuna que pode ser encontrada entre os homens. (HUME, 2005, p. 31).

Para Hume a humanidade tem uma vasta experiência com o politeísmo, o monoteísmo é recente, ele é uma criação do século V antes da era chamada “era comum”.

2. O Politeísmo como primeira manifestação religiosa.

Hume inicia sua obra considerando que o politeísmo foi obrigatoriamente a primeira religião da humanidade, pois aparentemente não há qualquer dúvida quanto a isso. Quanto mais regredirmos no tempo, mais claro para nós será a preponderância do politeísmo, ou seja, a adoração de vários deuses. Mas como seriam tais deuses? Poderiam eles gozar daqueles atributos modernos, pelo qual normalmente designamos uma divindade? Seriam eles espíritos onipotentes e oniscientes? Para Hume, não resta dúvida que o homem primitivo apenas poderia conceber deuses que lhe fossem de alguma maneira familiar e que participassem de alguma forma diretamente de seu cotidiano. Surgiram assim, deuses que, tanto na aparência quanto nos desejos, se igualavam ao homem. O homem tem a capacidade de aglutinar ideias que derivam de impressões adquiridas pela experiência para que baseada em nossa imaginação crie fantasias. Tais fantasias acabam por se tornar crença e são reforçadas pelo hábito ou costume que atuam sobre nossa mente. Assim, segundo Hume, podemos concluir que:

De acordo com o progresso natural do pensamento humano, a multidão ignorante deve, num primeiro momento, nutrir uma noção vulgar e familiar dos poderes superiores antes de ampliar sua concepção para aquele ser perfeito, que conferiu ordem a todo o plano da natureza. Seria tão razoável imaginar que os homens habitaram palácios antes de choças e cabanas, ou que estudaram geometria antes de agricultura, como afirma que conceberam a divindade sob a forma de puro espírito, onisciente, onipotente e onipresente antes de concebê-la como um ser poderoso, de membros e órgãos (HUME, 2005, p.24-25).

Para Hume uma das provas que as primeiras manifestações religiosas eram politeístas encontra-se justamente no excesso de antropomorfismo, pois segundo ele os deuses são dotados de paixões que são meramente humanas.

Dessa forma é natural que quanto mais a natureza se apresente de forma uniforme e regular, quanto mais perfeita ela é, menos interesse o homem tem em investigá-la e estará mais familiarizado com ela, pois o homem selvagem e

necessitado assim como diz Hume, oprimido por muitas necessidades e paixões não teria tempo pra questionar ou admirar esse aspecto regular da natureza com a qual ele se familiarizou desde sua infância. O homem na origem da sociedade, com todos os seus órgãos perfeitos não produz nem uma opinião e nem sequer um sentimento religioso. Esse homem “primitivo” não teria a necessidade de questionar de onde veio ou para onde vai, pois isso ultrapassa o limite de sua capacidade.

O que Hume analisa, a partir desta conclusão inicial, é: o que faria com que este homem primitivo buscasse uma resposta sobrenatural para os acontecimentos cotidianos? O homem primitivo não teria argumentos lógicos, ou sequer tempo, haja vista suas crescentes necessidades vitais, para analisar questões tão abstratas como uma divindade que estivesse situada além de seu mundo sensível, apenas pela busca do conhecimento como um fim em si mesmo. O motivo deve ser inserido naquele cotidiano difícil e violento, esse homem primitivo estava mais preocupado com sua sobrevivência. O que importava de fato era ter um deus para pedir uma boa colheita, um para o amor, outro para acalmar as tempestades, e assim sucessivamente.

Em relação à capacidade de pensar em um plano da natureza, esse homem fosse levado a princípio a acreditar num ser supremo, talvez ele nunca conseguisse abandonar essa crença e adotar o politeísmo partindo desse princípio de razão, deveria ser mais facilmente preservá-la, pois é bem mais difícil inventar e provar uma doutrina na primeira vez do que defendê-la e mantê-la.

Como foi dito antes se os homens fossem apresentados a um poder invisível e inteligente pela contemplação das obras da natureza, eles de certa forma nunca poderiam constituir outra concepção a não ser que um único ser que fez a existência e ordem a tudo que há e ajustou segundo seus propósitos um plano regular e organizado. Porém Hume discorda, pode ser sim, segundo ele, que realmente vários seres possuíssem sabedoria superior de forma cooperativa e fossem autores de um único plano regular, porém não é uma hipótese muito admitida como possível pois não é sustentada pela probabilidade nem necessidade.

Fazendo a análise da origem da religião, Hume trata de aspectos da natureza, dos elementos que, graças à sua regularidade e uniformidade de funcionamento, possibilita que o homem pense que há apenas um autor para tudo que existe:

Todas as coisas do universo são evidentemente uniformes. Todas as coisas estão ajustadas a outras coisas. Um desígnio predomina

inteiramente em tudo. E essa uniformidade leva a mente a reconhecer um só autor, pois a concepção de diferentes autores, sem qualquer distinção de atributos e operações, serve apenas para tornar a imaginação perplexa, sem dar nenhuma satisfação ao entendimento. (HUME, 2005, p. 30).

Ao observar a regularidade, o ser humano identifica uma autoria inteligente e única. Quando se trata de situações e contextos particulares, como pestes, tempestades, guerras, entre outros acontecimentos diversos, a possibilidade de pensar na existência de vários deuses torna-se evidente, pois todas essas situações são contraditórias. Há o favorecimento de alguns ou de algo em detrimento de outros, tornando difícil a crença em um único deus. Acontecimentos de exceção, tragédias, pestes, etc. possibilitam gerar crenças em divindades diversas.

Portanto, pode-se constatar que a investigação da origem da religião não está pautada na observação da natureza, mas sim nas preocupações e anseios cotidianos da vida humana, isto é, a religião é decorrente do medo de catástrofes, da morte, da busca pela felicidade. Como afirma Hume, é diante da desordem, ou seja, da limitação humana que o homem enxerga a divindade. E a primeira manifestação religiosa foi o politeísmo. Seus adeptos acreditavam piamente que as ações dos deuses estavam de acordo com suas ações. Em sua origem, o culto religioso estava permeado pelo medo. Nas palavras de Hume:

Em questões de religião, os homens têm mais prazer em sentir medo, e os pregadores mais populares são os que despertam as paixões mais lúgubres e sombrias. Nos afazeres cotidianos, quando estamos mergulhados na materialidade sensível dos assuntos tratados, nada pode ser mais desagradável que o medo e o terror. Somente nos espetáculos dramáticos e nos sermões religiosos eles podem nos dar prazer (HUME, 2009, p.145 -146).

Graças àquele sentimento religioso primitivo dos homens de depositarem seus anseios para a resolução de seus problemas e por medo do sofrimento, conclui-se, que, no politeísmo, não há a preocupação em provar que os deuses criaram o mundo. O politeísmo não considera os deuses criadores do universo, porém, isso não significa que aquele sentimento primeiro que é o da existência de um “poder invisível e inteligente no mundo” (HUME, 2005, p. 43), não exista. O fato é que as particularidades desse poder são inacessíveis ao homem. Na primitiva religião, os deuses não estavam totalmente distantes dos homens. Além do mais, a relação dos homens para com eles não refletia a atitude de quem se relaciona com um ser absoluto e razão da existência do universo. A relação de troca, existente na

religião politeísta, não gerava uma inteira submissão. Por esse motivo, fica evidente que não eram as mesmas práticas dos monoteístas.

2.1 A necessidade da religião para o homem.

É necessário reconhecer que a manifestação religiosa do homem advém do medo do desconhecido, da novidade, que os leva a fazer sacrifícios e a rezar, são certas paixões que sustentam seus pensamentos e reflexões, não é a curiosidade a busca pela verdade que levariam o homem a uma busca pelo plano da natureza o que para Hume seria um termo refinado a busca pela verdade para um tema demasiado amplo e abrangente para sua pouca capacidade.

Para Hume, eram justamente as esperanças e medos que fizeram e fazem com que o homem tente ter alguma influência sobre seu destino. É neste quadro que as primeiras divindades começam a surgir.

As únicas paixões que podemos imaginar capazes de agir sobre tais homens incultos são as paixões ordinárias da vida humana, a ansiosa busca da felicidade, o temor de calamidades futuras, o medo da morte, a sede de vingança, a fome e outras necessidades. Atingidos por esperanças e medos dessa natureza, e sobre tudo pelos últimos, os homens examinam com uma trêmula curiosidade o curso das causas futuras, e analisam os diversos e contraditórios acontecimentos da vida humana (HUME, 2005, p 32-33).

Hume faz uma análise observando o desejo que o homem possui de buscar a divindade, de investigar as suas causas, com o propósito de esclarecer o que motiva o ser humano e o que o faz permanecer nas práticas religiosas, sejam elas idólatras ou monoteístas. Assim na análise de Hume o medo surge como um fator relevante que limita o ser humano ao enfrentar as adversidades. O medo é a base para a crença em divindades. Porém, o mesmo motivo encontrado para a crença poderia dar margem para o ceticismo.

A ideia de um Deus-providência não condiz com os males no mundo. O sofrimento humano seria a prova da inexistência de uma bondade divina, porém é justamente essa situação de dor e indignação que levaria o sujeito a buscar refúgio numa religião. Com efeito, o que seria para ele uma prova da inexistência de Deus, aparece também como principal motivo a conduzir o homem a buscar um refúgio no transcendente (PEQUENO, 2012, p.145-146).

De fato, não podemos prever certos acontecimentos de maneira absoluta, Assim como nos foi provado com o estudo da causalidade, e que o máximo que nos possa acontecer é que determinado evento ocorra como esperamos. Logicamente se não podemos prevê-los com certeza, pouco menos podemos evitá-los totalmente. Assim, inevitavelmente nos tornamos presos em uma incerteza sufocante, onde a grande maioria dos humanos parece não suportar. Dessa forma, não é estranho que o homem busque um sistema qualquer que lhe traga algum conforto e satisfação. Assim, o homem usa da sua capacidade de agregar ideias que surgem de impressões adquiridas pela experiência para criar fantasias que acaba se tornando uma forma de crença. Assim Hume conclui:

Em todas as nações que abraçaram o politeísmo, as primeiras ideias da religião não nasceram da contemplação das obras da natureza, mas de uma preocupação em relação aos acontecimentos da vida, e da incessante esperança e medo que influenciam o espírito humano (HUME, 2005, p. 31).

O ser humano está posto no mundo como se estivesse em um teatro, onde as origens e causas dos acontecimentos lhes são inteiramente ocultas, sem possuir poder alguma pra saber os males que lhe sobrevirão ou evita-los. Está posto no mundo se equilibrando entre vida e morte, saúde doença e saciedade e desejo, no estado de sempre querer algo, essas situações ocorrem no homem de forma desconhecida e atuam constantemente e inesperadamente e sem explicação. Estas causas desconhecidas tornam-se o objeto de esperança e medo e suas paixões estimuladas pela ansiedade e expectativa dos acontecimentos o faz usar a imaginação com o objetivo de formar uma ideia sobre esses poderes, dos quais torna-se inteiramente dependentes.

Os homens tendem a idealizar os seres segundo sua própria imagem e lhes transfere qualidades que estão familiarizadas; como por exemplo, quando, observamos a lua imaginamos faces humanas nela, assim também ocorre quando se trata da divindade, pois o homem transfere pra ela as paixões e fraquezas humanas idênticos em todos os aspectos, porém sem o poder e autoridade superiores. Então, podemos dizer que o homem pensa a divindade a parte de nossas representações, assim diz Hume:

E pouco falta pra que atribuamos a divindade pensamentos, raciocínio, paixões e, às vezes, até membros e formas humanas, a fim de aproximá-la mais da nossa própria imagem (HUME. 2005. p. 37).

O que podemos observar em qualquer época que seja investigada é que os homens se sujeitam a práticas religiosas com mais frequência por causa da melancolia do que pelas paixões que ele as tem por agradáveis, aceita a prosperidade como se fosse direito e não questiona sobre sua causa ou quem foi o seu autor, e enquanto despojam dessa dádiva, nesse estado de espírito, pouco prostra os seus joelhos. Porém, quando são surpreendidos pela desconfiança e terror da melancolia recorrem a todos os recursos e métodos que satisfaçam a divindade onde pensa que depende seu destino. É nesse momento quando o homem reduz sua confiança e sua sensibilidade que é levado a um verdadeiro sentimento religioso. Esse não é um privilégio das religiões modernas, está presente também desde a antiguidade. Porém, é notável que os antigos filósofos, procuravam a divindade para explicar as coisas.

2.2 A não aceitação no monoteísmo dos deuses como criadores ou autores do mundo.

“Se as causas da crença em uma divindade são concomitantemente o medo e a esperança, o que poderíamos traduzir simplesmente como nossas paixões, como acredita Hume, não seria exagero concluir que os mais variados sentimentos podem fazer o homem trilhar este caminho” (OLIVEIRA, 2013). Contudo, para Hume, à vontade e a necessidade de buscar aquele que seria o dono de nossos destinos, surgiria com força redobrada diante dos sentimentos específicos de tristeza e amargor.

A grande questão é: quem realmente seria o autor da vida e destino do homem? Para o filósofo não há muita diferença entre os vários deuses do politeísmo e as fantasias de fadas e gnomos, até porque, segundo ele, nunca entra na imaginação de um politeísta ou idólatra, atribuir a esses seres imperfeitos a origem e a constituição do universo.

O filósofo parte do pressuposto que temos uma mudança que indica a questão do uno como elemento essencial na filosofia e na religião, ou seja, a diversidade da vida, não pode estar baseada na diversidade da origem, essa

diversidade da vida tem a ver com a criatividade e o desenvolvimento humano, mas a origem é cada vez mais pensada como o uno. No âmbito filosófico o uno é a origem, o ser indivisível, o “Arque” a ideia perfeita, e na religião a ideia de um único deus, não poderíamos termos nos originados de vários deuses o que para Hume seria um absurdo, no desenvolvimento da religião, pois segundo ele a diversidade tem a ver com as condições climáticas, no estabelecimento da moral com as cordas culturais que os seres humanos dão ao seu viver, mas a origem é o uno.

Na compreensão de Hume, o politeísmo estaria fundado na natureza do ser humano. Por parecerem obscuras e de forma aleatória as causas que governam nosso destino, requerem um princípio inteligível que as clarifiquem. Contudo, nada melhor assim como, do que um ser dotado de sabedoria e força superior, mas, ao mesmo tempo, possuidor das mesmas paixões humanas. Esses seres, denominados deuses, não seriam todo-poderosos, teriam apenas influencia sobre determinado elemento ou virtude.

De fato a crença em um único Deus, tal como conhecemos atualmente como um Ser único todo poderoso e responsável por toda criação é muito antiga, e não esta a penas presente nas classes mais humildes, mas em qualquer classe social. Para o nosso filosofo isto adveio através da superstição e ignorância, não pela razão. Hume considera que o fim lastimoso e os milagres são os grandes responsáveis por “tatar”no homem o sentimento religioso.

Tratando de monoteísmo, podemos afirmar que se originou da evolução do politeísmo e conseqüente supremacia de um deus sobre os demais, Hume acredita que este está fadado a regredir novamente para o politeísmo, já que a natureza humana é propensa a idolatrar este ou aquele homem, este ou aquele elemento da natureza. Retornaríamos, portanto, à figura dos semi-deuses da Antiguidade, mais cedo ou mais tarde.

Para Hume, o monoteísmo possui suas bases no politeísmo. Assim, demonstra que o politeísmo não é a forma corrompida do monoteísmo, como se imaginava, mas que a idolatria é, de fato, anterior à crença em um único ser supremo. O filósofo demonstra que se perguntássemos a um homem comum o motivo de sua crença num ser criador, a resposta não se daria pela contemplação da natureza como causa final e nem mesmo de si mesmo, mas sim em virtude dos acontecimentos da natureza em que ele atribui a intervenção de um ser onipotente.

Se observarmos bem, a própria natureza de certa forma nos possibilita a ideia de que realmente existe um ser soberano atrás de sua beleza e regularidade, mas essa é uma uniformidade própria da natureza. Porém, passa a ser motivo de crença em uma divindade, pois de certa maneira assume um sentimento religioso que perdura pela história.

Os princípios religiosos sofrem o que na linguagem humeniana é conhecida como fluxo e refluxo, que seria a tendência natural do ser humano em evoluir para o monoteísmo e do monoteísmo recair para a idolatria. Segundo Hume quase todos os seres humanos é certo alguns com mais conhecimento, nunca questionam ou investigam a natureza a um determinado ponto de descobrir um espírito supremo que supervisionasse todas as ordens e partes da natureza. Assim Hume conclui:

Eles observam essa obra admirável de um ponto de vista mais limitado e egoísta, e, descobrindo que sua própria felicidade e desgraça depende de influências secretas e do concurso imprevisto dos objetos exteriores, examinam com atenção perpetua as *causa desconhecidas* (HUME. 2005. p.71).

Assim afirmamos que o sentimento religioso é produto do agir humano e está não está ligado a processos racionais. A imaginação é um grande fator que contribui para o surgimento da religião e de mudanças nas estruturas sociais. Hume, ao se referir à imaginação, diz:

Ela os representa, então, como seres sensíveis e inteligentes, semelhantes aos homens, movidos pelo amor e pelo ódio, suscetíveis às oferendas e às súplicas, às pregações e aos sacrifícios. Eis a origem da religião e, conseqüentemente da idolatria ou do politeísmo (HUME, 2005, p. 72).

O homem não permanece por um longo período de tempo em uma religiosidade onde a divindade lhe é semelhante, onde coexistem vários deuses que possuem características e práticas humana. Dessa forma, aumenta os cuidados com os ritos e ergue a divindade uma perfeição, assim, com essa perfeição atribuída a tais divindades, chega-se a ideia de unidade, ou seja, no monoteísmo.

Temos então o surgimento de figuras semelhantes à natureza humana e que assumem o papel de intermediário entre o homem e o ser supremo, e volta a se aproximar da divindade e obtendo novamente características politeístas isto na visão de Hume é uma volta ao politeísmo. Em outras palavras, Hume está querendo mostrar que esse processo de crença em diversas divindades para uma única divindade, e de elevação ao culto e a adoração não é permanente, pois o homem

atribui crença também em santos e anjos, assim como ocorre no cristianismo, temos então aqui um leve abandono da dedicação exclusiva a uma única divindade.

O ser humano busca a religiosidade por causa de sua limitação e quando este se entrega a ela, a razão deixa de ser à base dos seus fundamentos das praticas, dando lugar aos desejos particulares que podem não estar de acordo com o que supostamente a divindade é, ou melhor, dizendo aquilo que a fé diz que os indivíduos professem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que podemos afirmar com toda ênfase é que a religião independentemente de ser é politeísta ou monoteísta, está presente na vida do ser humano em todos os aspectos e interfere de forma direta ou indireta na sua vida social, politica e até mesmo econômica.

Faz-se necessário reconhecer que diversas práticas religiosas estimularam certo avanço no pensamento humano, porém possibilitaram o fanatismo e a crueldade, embora não possuam bases totalmente racionais de certa forma possibilitaram o homem pensar sobre suas ações.

Para o filósofo é natural do ser humano buscar conforto e esperança no sobrenatural. A religião nada mais é que um refúgio para o ser humano depositar seus medos do desconhecido, isto ocorre justamente pela ignorância e superstição que assola o seu viver, fazendo com que creia cegamente em textos históricos, porém isto não ocorre na religião natural, pois nela existe uma racionalidade por trás da fé religiosa.

Assim, Hume nos apresenta um estudo reflexivo sobre a religião, desde seu principio, forma e estrutura, e analise como ela contribui para a vida social do homem. Para Hume, a religião vai além da explicação sobre os seres superiores pelo fato de procurar explicações sobre a relação entre homem e a divindade que ele acredita.

ABSTRACT

Analyzed in this paper, some aspects of religion, their origins and development in human history. David Hume see religion as a natural manifestation of the man, also a dissertation on the origin of polytheism and monotheism their influences on history and social organizations that are linked directly with certain beliefs. The approach made is not a study of divinity, but how man behaves before belief. In this way, Hume goes on to criticise religion, demonstrating that its origins are located more in our human nature than in a supposed supernatural divine entity.

KEYWORDS: Religion. Politheism. Monotheism. Human nature.

REFERÊNCIAS

Fonte primária:

HUME, David. **Historia natural da Religião**. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

Fontes secundárias:

JORDÃO, Francisco Viera. **A religião sob o ponto de vista filosófico**. Revista Filosófica de Coimbra, v. 2, n. 295-311, p.295-311, 1993. Disponível em: <www.uc.pt/fluc/dfci/publicacoes/religiao_sob_o_pv_filosofico>. Acesso em: 27 nov. 2014.

MONTEIRO, João Paulo. **Filosofia e Censura no século XVIII: O caso Hume**. Revista USP, São Paulo, p.41-53, 1979. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/discurso/article/view/37870>>. Acesso em: 27 nov. 2014.

OLIVEIRA, Prof. Dr. André Luiz Holanda de (Ed.). **Lugar e papel da crítica á religião na filosofia de David Hume**. Revista de Teologia e Ciências da Religião, Campinas, v. 3, n. 3, p.161-184, nov. 2013. Disponível em: <<http://www.unicap.br/ojs-2.3.4/index.php/theo/article/view/298>>. Acesso em: 27 nov. 2014.

PEQUENO, Marconi. **10 lições sobre Hume**. Petrópolis: Vozes, 2012.